



A produção da jornalista literária Dorrit Harazim em coberturas de guerra¹

The production of literary journalist Dorrit Harazim in war coverage

La producción de la periodista literaria Dorrit Harazim en la cobertura de guerra

Monica Martinez – Universidade de Sorocaba | Sorocaba | SP | Brasil. E-mail:
martinez.monica@uol.com.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1518-8379>

Bruna Emy Camargo – Universidade de Sorocaba | Sorocaba | SP | Brasil. E-mail:
brunaemy.camargo@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3737-1740>

Resumo: Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa em nível de mestrado cujo objetivo é contribuir para a compreensão do jornalismo literário produzido por Dorrit Harazim na cobertura de guerras e conflitos no Vietnã, no Chile, na Cisjordânia e em Nova York. A base teórica apoia-se nos conceitos de jornalismo literário (Bak, 2011, 2017; Lima, 2009, 2014; Martinez, 2016) e cobertura de guerra e conflitos (Knightley, 1978; Schelp, 2016), além de reportagens, relatos pessoais e biografias de correspondentes. Então, partindo da análise de conteúdo (Bardin, 2011), buscamos nos textos de Harazim as três características de jornalismo literário apresentadas por Martinez (2016): apuração; digestão e compreensão do material apurado; e redação em estilo literário. Os resultados indicam que Harazim produziu reportagens com todos esses elementos.

Palavras-chave: jornalismo literário; cobertura de guerra; Harazim, Dorrit.

Abstract: This paper presents the results of a master's-level research aimed at contributing to the understanding of literary journalism produced by Dorrit Harazim in the coverage of wars and conflicts in Vietnam, Chile, the West Bank and New York. The theoretical basis are the concepts of literary journalism (Bak, 2011, 2017; Lima, 2009, 2014; Martinez, 2016) and coverage of war and conflicts (Knightley, 1978; Schelp, 2016), in addition to reports, personal reports and biographies of correspondents. Using content analysis as the method (Bardin, 2011), we searched in Harazim's texts for the three characteristics of literary journalism presented by Martinez (2016): investigation; digestion and understanding of the verified material; and writing in a literary style. The results indicate that to some extent Harazim produced reports with all these elements.

Keywords: literary journalism; war coverage; Harazim, Dorrit.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.



<https://doi.org/10.22484/2318-5694.2023v11id5209>





Resumen: Este trabajo presenta los resultados de una investigación a nivel de maestría cuyo objetivo es contribuir a la comprensión del periodismo literario producido por Dorrit Harazim en la cobertura de guerras y conflictos en Vietnam, Chile, Cisjordania y Nueva York. La base teórica se fundamenta en los conceptos de periodismo literario (Bak, 2011, 2017; Lima, 2009, 2014; Martinez, 2016) y cobertura de guerra y conflictos (Knightley, 1978; Schelp, 2016), así como reportajes, relatos y biografías de los corresponsales. Así, a partir del análisis de contenido (Bardin, 2011), buscamos en los textos de Harazim las tres características del periodismo literario presentadas por Martínez (2016): investigación; digestión y comprensión del material recolectado; y escribir en un estilo literario. Los resultados indican que Harazim produjo informes con todos estos elementos.

Palabras clave: periodismo literario; cobertura de guerra; Harazim, Dorrit.

Recebido em: 25/03/2023
Aprovado em: 05/12/2023
Revisado em: 22/12/2023



1 Introdução

Este trabalho apresenta os resultados da dissertação “Jornalismo literário e cobertura de guerra: a produção de Dorrit Harazim” (Camargo, 2021), defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (PPGCC-Uniso). A pesquisa observa a interface entre jornalismo literário (Bak, 2011, 2017; Lima, 2009, 2014; Martinez, 2016) e cobertura de guerra (Knightley, 1978; Schelp, 2016), com o recorte da produção de mulheres, e compila uma análise sobre as reportagens da correspondente brasileira Dorrit Harazim (1943-).

Dorrit Harazim nasceu em Zagreb, na Croácia, mas chegou ao Brasil aos cinco anos após fuga do regime comunista ditatorial que assolava a Iugoslávia. Morou em Porto Alegre (RS), estudou Letras na Universidade de Sorbonne, na França, e Literatura Comparada na Universidade de Heidelberg, na Alemanha, e então foi morar em Paris, onde trabalhava como pesquisadora da equipe de jornalismo no L’Express. Foi apenas em 1968, que voltou ao Brasil, convidada por Roberto Civita e Mino Carta para compor a equipe que fundaria a revista *Veja*. Em cinco décadas de carreira, a jornalista atuou em diferentes veículos e esteve em grandes coberturas nacionais e internacionais (Quierati, 2016).

Então, partindo da análise de conteúdo de Laurence Bardin (2011), esta pesquisa tem como objetivo contribuir para a compreensão do jornalismo literário produzido por Dorrit Harazim na cobertura de guerras e conflitos em que ela esteve – no Vietnã, no Chile, na Cisjordânia e em Nova York.

Oferecemos aqui uma breve introdução sobre os conceitos de jornalismo literário e cobertura de guerra, com a explicação da metodologia e a análise das reportagens em seguida. Por fim, as considerações finais indicam que Harazim produziu jornalismo literário durante suas coberturas de guerra e conflitos, com elementos como imersão em campo, narrativa com descrições de cena e inserções de diálogo, e humanização de personagens.

2 Jornalismo literário

O jornalismo literário não é consenso em nome ou conceito, mas, para esta pesquisa, partimos da definição da International Association of Literary Journalism Studies (IALJS), segundo a qual se trata do jornalismo como literatura, não sobre literatura. Destacamos ainda nossa compreensão de Jornalismo Literário como uma disciplina, ou seja, “um campo de estudo reconhecido internacionalmente com apoio institucional de administradores universitários a editoras, de estudiosos individuais a sociedades e de empresas comerciais a agências governamentais” (Bak; Martinez, 2018, p. 644).



Nossa base teórica parte dos estudos de John S. Bak (2011, 2017), Edvaldo Pereira Lima (2009, 2014) e Monica Martinez (2016). Segundo Lima (2014, p. 10), “cabe ao jornalismo o papel público de largo alcance de buscar significados para os acontecimentos e situações que compõem o complexo panorama da realidade em movimento” e quando isso transcende o cunho informativo para uma maestria narrativa de “histórias com sabor e cor” (Lima, 2014, p. 11), trata-se do Jornalismo Literário.

Trata-se de um conceito difícil de trabalhar pois, como bem dizia Kramer (1995, p. 22), o jornalismo literário é algo que “você-sabe-quando-vê”. Mas os teóricos partem da busca por certos elementos para identificar a produção; no caso de Lima (2009) são: exatidão e precisão; contar uma história; humanização; compreensão; universalização temática; estilo próprio e voz autoral; imersão; simbolismo; criatividade; e responsabilidade social.

No entanto, o jornalismo literário se desenvolveu em diferentes momentos e em diversos países, e segundo Bak (2017), não se pode esperar que as características sejam as mesmas em todos os lugares. Talvez a versão mais famosa seja a que ganhou fama nos Estados Unidos das décadas de 1960 e 1970, com o chamado Novo Jornalismo de publicações como *The New Yorker* e *Esquire* e autores como Gay Talese (1932-), Joan Didion (1934-), Joseph Mitchell (1908-1996) e Lillian Ross (1918-2017).

No Brasil, dois jornalistas destacam-se como precursores desse estilo de narrativa jornalística: Euclides da Cunha (1866-1909), na cobertura da Guerra de Canudos (1896-1897) para o jornal *O Estado de São Paulo*, e João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto (1881-1921), com reportagens sobre mudanças urbanas e sociais do Rio de Janeiro na virada do século XIX para XX. Desde então, outros nomes se destacaram, como Joel Silveira (1918-2007), Antonio Callado (1917-1997), José Hamilton Ribeiro (1935-) e Eliane Brum (1966-).

3 Cobertura de guerra e mulheres

Nesta pesquisa falamos principalmente em “cobertura de guerra”, mas trabalhamos com a abrangência da “cobertura de guerras e conflitos”. Um conflito é a “luta entre grupos sociais pela supremacia, envolvendo tensões, discórdia e choque de interesses” (Giddens; Sutton, 2017, p. 311), enquanto uma guerra “é o fenômeno paradigmático da irrupção da violência nas relações entre corpos sociais organizados” (Romão, 2012, p. 1). Portanto, entendemos que toda guerra é um conflito, mas nem todo conflito é uma guerra, e utilizamos a palavra “guerra” apenas por ser a mais comum nas referências utilizadas.



A cobertura de guerra acontece justamente pela ocorrência de uma guerra, afinal, “a única coisa que a humanidade parece valorizar mais do que tirar a vida é o registro dessa morte em tinta” (Bak, 2016, p. ix; tradução nossa). Assim, esses registros são tão antigos quanto as pinturas em cavernas do Período Mesolítico e os hieróglifos do Egito.

Antes dos jornais impressos, as guerras eram noticiadas por meio de panfletos; depois, os veículos costumavam compilar as informações de batalha de notas enviadas pelos próprios militares (Knightley, 1978). Oficialmente, o primeiro jornal a ter um correspondente de guerra foi o *The Times*, de Londres, com William Howard Russell (1820-1907) enviado à Guerra da Crimeia (1853-1856).

Depois da experiência de Russell, a profissão começou a ganhar forma; na Guerra de Secessão dos Estados Unidos (1861-1865) já eram aproximadamente 500 jornalistas reportando (Schelp, 2016). Houve inclusive uma “Idade de Ouro” para os correspondentes até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), por conta do surgimento da imprensa popular, do crescente uso do telégrafo e da introdução retardada da censura organizada (Knightley, 1978).

Conforme as décadas avançavam e as guerras ganhavam maior proporção e divulgação, os jornalistas sofriam maior pressão e censura, além de começarem a questionar a ética das coberturas (Knightley, 1978). Após os conflitos da Guerra Fria, os profissionais passaram a ter a própria segurança em campo ameaçada; com os atentados do 11 de Setembro de 2001 em Nova York, o temor se estendeu a sequestros em áreas de conflito (Schelp, 2016).

A tecnologia disponível e em desenvolvimento permite que cada vez mais pessoas – que não apenas jornalistas – consigam reportar informações, logo, a cobertura profissional fica mais desafiadora para ter seu espaço sem recorrer à superexposição ao terror (Schelp, 2016) e uma eventual banalização do mal (Arendt, 1999). Nesse caso, o jornalismo literário seria uma válvula para superar a incomunicação causada pela guerra (Camargo, 2020; Silva; Camargo, 2019).

E, nesta pesquisa, nosso olhar recai sobre as mulheres correspondentes de guerra e conflitos que produziram jornalismo literário. Conforme diz a jornalista bielorrussa Svetlana Aleksievitch (1948-), “tudo o que sabemos da guerra conhecemos por uma ‘voz masculina’. Somos todos prisioneiros de representações e sensações ‘masculinas’ da guerra” (Aleksievitch, 2016, p. 12), ainda que muitas mulheres tenham estado em campo. Talvez apenas a correspondente Martha Gellhorn (1908-1998) seja uma exceção.



Tentamos aqui fugir de visões essencialistas (Grosz, 1995) e ressaltamos a consciência sobre questões de interseccionalidade (Ribeiro, 2019) – embora não sejam pontos aqui trabalhados. Nosso recorte foca na ideia de que o gênero é socialmente construído (Scott, 2019) e mulheres correspondentes não reportam a partir de um ângulo específico (Baker, 2015), somente buscam espaço profissional em um espaço convencionalmente masculino (Lombardi, 2018).

4 Metodologia

Partimos da análise de conteúdo de linha francesa teorizada por Laurence Bardin (2011), cujo objetivo é ultrapassar a incerteza e enriquecer a leitura do material. Primeiro fizemos uma leitura flutuante (Bardin, 2011) da lista elaborada por Quierati (2016), com todas as reportagens produzidas pela jornalista Dorrit Harazim durante sua carreira, em busca das que se referissem às coberturas de guerra e conflitos.

A triagem revelou oito textos:

- a) "Um combate não declarado" (Harazim, 1970);
- b) "Violência e golpe em Santiago" (Harazim, 1973);
- c) "Cisjordânia, a posse mais discutida de Israel" (Harazim, 1977);
- d) "Medo surdo, quase animal" (Harazim, 2001a);
- e) "Um estranho silêncio em Nova York" (Harazim, 2001b);
- f) "Em meio ao caos, o estadista" (Harazim, 2001c);
- g) "A colagem dos rostos da tragédia" (Harazim, 2001d);
- h) "Nova York sai do silêncio" (Harazim, 2001e).

Percorremos então as três diferentes fases da análise de conteúdo (Bardin, 2011): pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Para a pré-análise, lemos todos os textos de modo a ter um primeiro contato com os dados e identificamos, superficialmente, o jornalismo literário – nosso indicador – na narrativa de Harazim. Para a exploração do material, separamos os textos por guerra/conflito e buscamos pelas características de jornalismo literário listadas por Martinez (2016) como um compilado das de Lima (2009) e outros teóricos (Kramer, 1995; Passos; Orlandini, 2008; Pena, 2006): a) apuração; b) digestão e compreensão do material apurado; e c) redação em estilo literário.



A apuração é a “necessidade da pesquisa aprofundada, que pode ser realizada em diversas plataformas, de documentos, bancos de dados e acervos pessoal a mecanismos de busca, entre outros. Inclui igualmente o emprego das técnicas jornalísticas, como a entrevista” (Martinez, 2016, p. 212). A digestão e compreensão do material apurado, ressalta “a importância da compreensão do material coletado em níveis profundos, como o psicológico, social e histórico, entre outros” (Martinez, 2016, p. 212). E a redação em estilo literário:

[...] aborda a estrutura textual, possibilitando que o assunto bem apurado seja contado por meio do formato mais adequado, dependendo do local e espaço. Para isto, é imprescindível a maestria do autor na arte da escrita, com linguagem devidamente adequada aos veículos impressos, eletrônicos ou digitais. Assim, o tema apurado e refletido, expresso com voz autoral – isto é, a visão de mundo preferencialmente ampla que dá forma e sentido únicos ao assunto tratado. Pode, então, ser relatado de forma envolvente, recorrendo-se às inúmeras técnicas da literatura, como a citada digressão. Nesse sentido, estilo é apenas uma boa embalagem para um ótimo produto jornalístico, e não uma forma de acobertar deficiências de apuração ou domínio do tema (Martinez, 2016, p. 213).

Por fim, na terceira fase da análise de conteúdo, há o tratamento dos resultados obtidos. Para essa fase, analisamos as reportagens (mensagem) com essas características do jornalismo literário, relacionamos com dados sobre a jornalista (emissora) e levamos em consideração o veículo e o meio de comunicação (canal) em que as reportagens foram publicadas, podendo então partir para as inferências e possíveis interpretações.

5 Análise das reportagens de Dorrit Harazim

Aqui apresentamos os resultados da análise de oito reportagens produzidas pela jornalista Dorrit Harazim em coberturas de guerra e conflitos. São elas sobre a Guerra do Vietnã (Harazim, 1970); o golpe de Estado no Chile (Harazim, 1973); o conflito na Cisjordânia (Harazim, 1977); e o atentado terrorista em Nova York – esta última publicada em cinco textos (Harazim, 2001a, 2001b, 2001c, 2001d, 2001e).

A Guerra do Vietnã foi a primeira cobertura internacional de Harazim, que trabalhava na revista *Veja*. Um dos motivos pelos quais a repórter de então 27 anos foi enviada ao Camboja era o fato de ela falar francês, língua útil na região que fora parte do Império Francês (Quierati, 2016).



A reportagem “Um combate não declarado” saiu na edição de 27 de maio de 1970 da *Veja*. Como a guerra já estava em curso há 11 anos, percebe-se que a jornalista não fica presa à necessidade de explicar do que se tratava o conflito; mas o texto mostra sua imersão no local para a apuração das informações e o cuidado em detalhar a passagem temporal, e nomes de militares e munições (Camargo, 2021). Talvez a cobertura minuciosa fosse até uma vontade de superar a insegurança profissional (Pires, 2015).

Enquanto Harazim evita se inserir na narrativa, seu texto está repleto de sequências visuais e sonoras:

À parte a instalação, aqui e ali, de algumas peças de artilharia de 122 mm – de fabricação soviética –, apenas um batalhão de infantaria cambojano (cerca de quinhentos homens) e cinco tanques protegem diretamente a capital real de uma ameaça que ela prefere ignorar. Entretanto, a pressão dos guerrilheiros comunistas sobre Phnom Penh pode endurecer seriamente de um momento para outro – principalmente em vista do fato de que eles já circulam a pouco mais ou menos de 30 quilômetros daqui. Mas, até o momento, é uma outra guerra que se faz sentir entre os 500.000 habitantes de Phnom Penh. Uma guerra em surdina, não declarada, mas cuja tonalidade cresce hora por hora, bairro por bairro, de quartel em quartel (Harazim, 1970, p. 50).

A jornalista consegue “tecer a ação do presente num contexto que remeta aos possíveis desdobramentos futuros” (Camargo, 2021, p. 84), algo que exige muita pesquisa e estudo (Lima, 2009). Há também a utilização de técnicas literárias como reprodução de falas e expressões descritivas para a construção de cenas.

Harazim também fez a cobertura do golpe de Estado do Chile (1973), mas por acaso, uma vez que estava no país para a reunião da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal). A reportagem “Violência e golpe em Santiago” entrou na edição de 19 de setembro de 1973 da *Veja*, em um período em que o jornalismo brasileiro precisava lidar com a censura que a ditadura militar aplicava na imprensa.

A cobertura exigia mais contextualização dessa vez, uma vez que o golpe no governo de Salvador Allende acontecera há poucos dias. A correspondente começou a apurar as informações quando ainda estava no hotel, só depois encaminhando-se para o centro da cidade para checar o que acontecia (Quierati, 2016).

Novamente, o texto vem recheado de datas, horários, nomes e descrições de cena, permitindo que o leitor visualize toda a sequência de acontecimentos: “E às 12h30, completada a missão de quinze bombardeiros, as chamas finalmente se apossavam de todos os cinco janelões da ala direita, enquanto as primeiras labaredas rompiam o teto e passavam a arder em céu aberto” (Harazim, 1973, p. 40).

Assim como Harazim fica sabendo do golpe aos poucos, ela traz ao leitor indícios para ir construindo a situação; isso é feito por meio de transcrições de



telefonemas dos envolvidos. Ela consegue ainda promover uma universalização temática (Lima, 2009) no texto, já que estabelece uma ponte entre aquele momento e a noção latino-americana de um golpe de Estado, o que familiariza e aproxima o leitor.

Símbolos chilenos – como a bandeira, o brasão e o hino nacional – são inseridos no texto denotando criatividade para a narrativa. Há humanização (Lima, 2009) dos personagens, como Salvador Allende, e construção cena a cena (Wolfe, 2005) retorna:

O regime esquerdista, asfixiado por uma lenta agonia, entraria finalmente em coma na manhã da terça-feira da semana passada. Desde o início, o dia não prometia nada de bom para Salvador Allende. Às 7 horas ele deixou sua casa no número 200 da rua Tomás Moro, o bairro de Las Condes, mas não conseguiu completar o trajeto até o Palácio de la Moneda no seu Fiat 600, placa BF-80: no meio do caminho, por razões de segurança, teve de trocar de condução, passando para um tanque preto e branco do Corpo de Carabineiros. A precaução, motivada por rumores de uma iminente rebelião na Marinha, logo se revelaria bem fundamentada. Às 7h30, 10 minutos após o seu marcial desembarque no palácio, Allende recebia a confirmação da notícia – num momento em que, por via das dúvidas, já estava escrevendo um discurso para denunciar o assédio ao governo (Harazim, 1973, p. 38-39).

Destacamos ainda que, após a morte de Allende na narrativa, Harazim traz a perspectiva da esposa do presidente, Hortensia Allende, conhecida como Tencha – a fuga do Palacio de La Moneda, o sepultamento do marido sem que ela pudesse ver o corpo porque os militares não permitiram, a despedida da filha refugiada em Cuba e a impossibilidade de volta para uma casa destruída. A escolha mostra que “onde há a pessoa humana, pode haver uma história maravilhosa a ser contada” (Lima, 2009, p. 361); nesse caso, de um ponto de vista feminino (Aleksiévitch, 2016; Amanpour, 2019; Baker, 2015) em meio ao conflito de dois dirigentes homens.

Para a cobertura do conflito da Cisjordânia, em 1977, Harazim estava trabalhando no Jornal do Brasil. A reportagem “Cisjordânia, a posse mais discutida de Israel”, de 17 de julho de 1977, foi página inteira no veículo.

Assim como no Vietnã, quando a jornalista chegou ao conflito, ele já estava em curso – neste caso, há séculos, uma vez que se trata de uma disputa antiga pela terra. Então não era preciso perder muito espaço de texto com explicações, embora Harazim tenha se preocupado em reportar a questão religiosa/política/geográfica com exatidão, precisão e responsabilidade ética, elementos do jornalismo literário (Lima, 2009).

A jornalista recolhe informações e entrevistas com diversas pessoas, insere citações literais no texto e, ao fim, destaca o intertítulo “A linguagem de uma refugiada” para tornar o relato ainda mais humano:



“Meu nome é Nasra” (A Vitória, em árabe), diz a jovem de olhos e cabelos claros, enquanto torce as mãos na sala por estar falando de si perante um intérprete palestino que a intimida. Nasra tem 20 anos. Nasceu, cresceu e tornou-se mulher numa das casamatas de pedra do campo de refugiados El Uja (A Curva), situado entre as cidades de Ramallah e Jericó na Cisjordânia, mas impossível de ser encontrado em mapas. Das 12 mil pessoas que outrora se amontoavam nas casamatas pálidas, da mesma cor do deserto próximo, restam apenas 2 mil – além de um cemitério rudimentar de umas 70 pedras à beira da estrada. Os demais moradores de El Uja ou fugiram para a Jordânia durante a guerra de 1967 ou se trasladaram para outro campo, ou melhoraram de vida e deixaram de ser refugiados (Harazim, 1977, p. 18).

A reportagem revela a preocupação com a escuta das pessoas que estão vivendo o conflito, o que lembra o estilo de Joseph Mitchell – não uma escuta passiva, mas conduzida de modo a promover pontos de reflexão (Martinez, 2016).

A última cobertura que trazemos aqui é dos atentados de 11 de setembro de 2001 em Nova York. Harazim morou na cidade por alguns anos enquanto era chefe do escritório da Editora Abril, mas, assim como no caso da cobertura chilena, ela estava no local por acaso – agora de férias, visitando a filha que estudava na cidade (Quierati, 2016). Além disso, agora trabalhava para o portal Notícias e Opinião, que publicava em parceria com o Jornal do Brasil.

Os cinco textos produzidos depois que os dois aviões atingiram o World Trade Center foram publicados de 12 a 16 de setembro de 2001 tanto no jornal quanto no portal e provam como a narrativa no jornalismo literário “é empregada também em matérias quentes, não se restringe às frias” (Lima, 2009, p. 208) – além de ser uma notícia de última hora, precisava ser publicada em questão de horas.

A própria jornalista fala no texto sobre as dificuldades da cobertura, com a região sul de Manhattan fechada para a imprensa: “Nem o mais veterano dos correspondentes de guerra estava preparado para tanta destruição” (Harazim, 2001b, p. 5). Mas, apesar dos empecilhos, a compreensão do acontecimento era clara e foi apontada por meio de comparações históricas e fílmicas:

Durante cinco horas, Nova Iorque ficou de joelhos. Com as ruínas dos 220 andares do World Trade Center esparramadas por Manhattan, a cidade saiu da orfandade inicial – semelhante à que emudeceu a América quando J. F. Kennedy foi morto – e se viu às voltas com um sentimento coletivo ainda mais desconcertante: o medo. Um medo surdo, silencioso, difuso, quase animal e ao mesmo tempo irracional de que tudo – literalmente tudo – ainda podia acontecer. Até porque, para quem esteve no epicentro ou num raio de 10 quilômetros da tragédia, tudo já tinha acontecido. A sensação de correr desvairadamente por ruelas ladeadas de arranha-céus, com um tufão de breu, fumaça e detritos do tamanho de uma porta de automóvel se enfiando pelas mesmas ruelas é indelével. Não havia mais céu. Era o inferno do filme *Independence Day*, com a mesma massa escura, irrespirável e pegajosa envolvendo quem por ali estivesse (Harazim, 2001a, p. 3).



Conforme os dias passam e a jornalista consegue mais informações, “os textos começam a ficar mais racionais que emocionais, mas sem perder o apelo humanitário que a situação exigia” (Camargo, 2021). Um exemplo é o seguinte:

Ao longo dos próximos anos contas serão feitas e refeitas na tentativa de se quantificar custos e perdas. Estatísticas, números, porcentagens, comparações matemáticas frequentarão diariamente o noticiário. Mas onde arquivar o telefonema dado de uma sala do 104º andar da Torre Norte do World Trade Center, às 10h28 da manhã do dia 11 de setembro, por um jovem de 24 anos? “Mãe, eu te amo”. Disse tudo (Harazim, 2001b, p. 5).

As técnicas literárias não são poupadas a fim de transmitir ao leitor as sensações que a jornalista viveu. O texto tem descrição temporal, sonora, visual e humana:

Mas a verdadeira orfandade ocorreu às 10 horas da manhã, quando o ronco de um vulcão envolveu a parte baixa de Manhattan. Arrancada de sua estrutura pelo que pareceu ser uma explosão, uma das torres em chamas começou a ruir. Durante os primeiros segundos, como naquela brincadeira de infância em que todo mundo vira estátua, a população de Nova Iorque que estava na rua virou estátua. Nos segundos seguintes, a catarse de uma dor coletiva. Uns cobriam o rosto com as mãos, para não ver o resto. Outros levantavam as mãos aos céus, em súplica. Outros ainda escolhiam um canto de calçada, sentavam, dobravam o corpo para a frente, e vomitavam. A maioria chorava em silêncio. Desconhecidos se abraçavam, se confortavam, se tocavam fisicamente para se sentirem vivos. Quando, 33 minutos depois, a segunda torre começou a ruir, um pedaço de Nova Iorque tinha se transformado numa Bósnia. Não, numa Beirute. Não, numa Dresden. Talvez um pouco de cada. Quarteirões e mais quarteirões calcinados. A cada nova hora, mais um arranha-céu contaminado pelo fogo e pela destruição. Pela primeira vez em sua história, os Estados Unidos olhavam para os escombros de sua vulnerabilidade (Harazim, 2001a, p. 3).

Relatos de testemunhas, sobreviventes e policiais reforçam a ideia de como o jornalismo literário pode ser um modo de contornar a incomunicação perante a morte:

[...] ao contrário das produções jornalísticas meramente informativas, ou daquelas cuja tônica é o sensacionalismo, fica salvaguardado o princípio ético, pois ao abordar a morte pelo viés poético, reforça-se a humanização, levando-se em conta o indivíduo e suas peculiaridades, na sua relação com os próximos, também impactados pela morte (Silva; Camargo, 2019, p. 398).

Nessa cobertura, Harazim aparece em alguns momentos da narrativa, como quando um colega lhe diz para não tomar água da torneira – em caso de um ataque bioquímico – e, de modo geral, na descrição de sensações.



As reportagens de Dorrit Harazim não eram televisivas, mas a rica descrição de cena, pessoas, sentimentos e detalhes podia tornar muito clara a imagem do cenário na mente do leitor. Sem a preocupação em dar a notícia primeiro, mais rápido, a jornalista podia explorar outra faceta do jornalismo – a narrativa –, mesmo considerando o pouco tempo entre apuração e despacho do texto para a redação. Tão intensas como as imagens das torres caindo, as palavras de Harazim eram capazes de atingir o leitor e provocar as mesmas emoções (Camargo, 2021, p. 121).

Assim, identificamos todas as características do jornalismo literário (Martinez, 2016) na produção de Dorrit Harazim em suas coberturas de guerras e conflitos.

6 Considerações finais

Esta pesquisa partiu da questão “haveria elementos de jornalismo literário nas coberturas de guerra e/ou conflitos feita pela correspondente brasileira Dorrit Harazim?”, proposta em dissertação (Camargo, 2021) no PPGC-Uniso. Para a resposta, apontamos as características, histórico e principais autores do jornalismo literário; traçamos um histórico da cobertura de guerra e conflitos no mundo e no Brasil; e analisamos as produções em coberturas de Dorrit Harazim que aconteceram em diferentes períodos e veículos.

Identificamos a presença das características de jornalismo literário em todas as reportagens de Harazim, fosse nos textos mais curtos – os despachos de Nova York – e os mais longos – os do Vietnã, do Chile e da Cisjordânia –, e em diferentes meios de comunicação – revista, jornal e portal. Podemos destacar: profunda apuração; exatidão e precisão nos textos; amplitude de fontes; contextualização histórica; uso de simbolismos e criatividade; técnicas literárias de escrita; e responsabilidade ética.

Portanto, vemos na produção de Harazim um conteúdo que une informação e maestria narrativa. Sem se tornar personagem das histórias – o que lembra a técnica “mosca na parede” de Lillian Ross –, a jornalista realizou as coberturas de guerra com atenção e sensibilidade, e a consideramos uma importante correspondente brasileira nas referências teóricas dos estudantes de comunicação.

Referências

ALEKSIÉVITCH, S. **A guerra não tem rosto de mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

AMANPOUR, C. Foreword. In: HANKIR, Z. (ed.). **Our women on the ground: essays by Arab women reporting from the Arab World**. New York: Penguin Books, 2019.

ARENDR, H. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.



- BAK, J. S. Literary journalism across the globe: introduction. In: BAK, J. S.; REYNOLDS, B. (ed.). **Literary journalism across the globe: journalistic traditions and transnational influences**. Boston: University of Massachusetts Press, 2011. p. 1–20.
- BAK, J. S. Introduction to the ReportAGES Series. In: GRIFFITHS, A.; PRIETO, S.; ZEHLE, S. (ed.). **Literary Journalism and World War I**. Nancy: PUN/Éditions Universitaires de Lorraine, 2016.
- BAK, J. S. Rumo a uma definição de jornalismo literário internacional. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 13, n. 3, p. 230–255, 2017. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1007/pdf>. Acesso em: 22 dez. 2023.
- BAK, J. S.; MARTINEZ, M. Jornalismo literário como disciplina. **Brazilian Journalism Research**, v. 14, n. 3, p. 644–651, 2018. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1163/pdf>. Acesso em: 22 dez. 2023.
- BAKER, J. **Australian women war reporters: boer war to Vietnam**. Sydney: NewSouth, 2015.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CAMARGO, B. E. Um narrador em coberturas de guerra: o jornalista literário sob a perspectiva benjaminiana. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E CULTURA, 14., 2020. **Anais [...]**. Sorocaba: Uniso, 2020. Disponível em: <http://unisos.uniso.br/hs/epecom/anais-epecom.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2023.
- CAMARGO, B. E. **Jornalismo literário e cobertura de guerra: a produção de Dorrit Harazim**. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2021.
- GIDDENS, A.; SUTTON, P. W. **Conceitos essenciais da Sociologia**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- GROSZ, E. **Space, time, and perversion: essays on the politics of bodies**. New York: Routledge, 1995.
- HARAZIM, D. Um combate não declarado. **Veja**, São Paulo, p. 50–51, maio 1970.
- HARAZIM, D. Violência e golpe em Santiago. **Veja**, São Paulo, p. 38–44, set. 1973.
- HARAZIM, D. Cisjordânia, a posse mais discutida de Israel. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 18, 17 jul. 1977.
- HARAZIM, D. Medo surdo, quase animal. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 3, 12 set. 2001a.
- HARAZIM, D. Um estranho silêncio em Nova York. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 5, 13 set. 2001b.
- HARAZIM, D. Em meio ao caos, o estadista. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 6, 14 set. 2001c.
- HARAZIM, D. A colagem dos rostos da tragédia. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 3, 16 set. 2001d.
- HARAZIM, D. Nova York sai do silêncio. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 7, 18 set. 2001e.
- KNIGHTLEY, P. **A primeira vítima: o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Crimeia ao Vietnã**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.



KRAMER, M. Breakable rules for literary journalists. *In*: SIMS, N.; KRAMER, M. (ed.). **Literary journalism: a new collection of the best American nonfiction**. New York: Ballantine Books, 1995. p. 21–34.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2009.

LIMA, E. P. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo: Edusp, 2014.

LOMBARDI, K. H. Lee Miller, uma fotojornalista na linha de frente: reflexões sobre a atuação da mulher na cobertura de guerra. **Revista Observatório**, Palmas, Tocantins, v. 4, n. 1, p. 492–516, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3316/12215>. Acesso em: 22 dez. 2023.

MARTINEZ, M. **Jornalismo literário: tradição e inovação**. Florianópolis: Insular, 2016.

PASSOS, M. Y.; ORLANDINI, R. A. Um modelo dissonante: caracterização e gêneros do jornalismo literário. **Contracampo**, Niterói, RJ, n. 18, p. 75–96, 2008. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17463>. Acesso em: 22 dez. 2023.

PENA, F. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PIRES, C. **Dorrit Harazim, repórter**. Disponível em: <https://premioggm.org/2015/07/vencedora-do-reconhecimento-a-la-excelencia/>. Acesso em: 16 jan. 2023.

QUIERATI, L. **Dorrit Harazim e o ofício de contar histórias: a prática do jornalismo narrativo e o processo de representação**. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Bauru, 2016.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

ROMÃO, R. B. **Guerra**. Instituto de Filosofia da Nova, 2012. (Nota técnica).

SCHELP, D. Os jornalistas e as guerras. *In*: LIOHN, A.; SCHELP, D. (eds.). **Correspondente de guerra: os perigos da profissão que se tornou alvo de terroristas e exércitos**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 17–112.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *In*: BUARQUE DE HOLLANDA, H. (ed.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 440.

SILVA, M. C. C.; CAMARGO, B. E. La narrativa poética de la muerte en el Periodismo Literario: el caso Marielle Franco en la Revista Piauí. **Razón y Palabra**, Quito, Equador, v. 22, n. 103, p. 385–400, 2019. Disponível em: <https://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/1230>. Acesso em: 22 dez. 2023.

WOLFE, T. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.